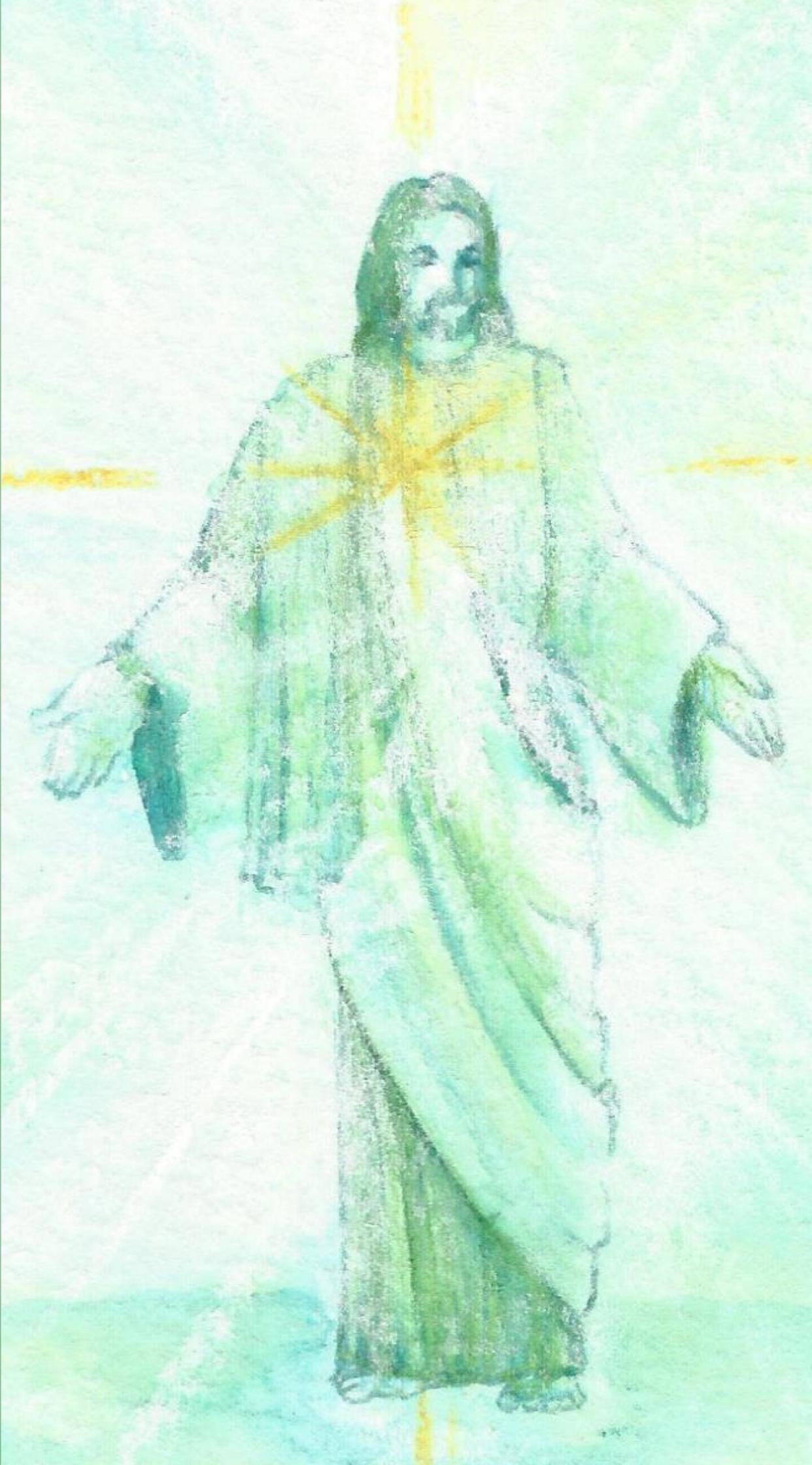


INFORMATIVO
FRANCISCO

OUTONO | 2018 | ANO III - Nº 9



EDITORIAL

por Tereza Racy

Fim de Verão.

Chega o outono derrubando as folhas e nos convidando à reflexão. Toda imagem dessa estação vive dentro de cada um de nós. Nosso corpo vai se despedindo do calor escaldante do sol e passa a sentir os arrepios provocados pela frescura do vento nos finais de tarde. Se observarmos, em silêncio, perceberemos que a natureza sabe exatamente o que deve fazer. É como se o *frenesi* proporcionado pelo verão fosse dando lugar a um doce recolhimento da fauna e flora.

E em nós? Como essa época se dá? Se sabemos que ela nos convida diuturnamente ao recolhimento e reflexão, como vamos parar para vivenciá-la plenamente? Como vamos nos desligar do corre-corre do dia a dia e pensar em nos recolher? Quem, em sã consciência, pergunto, consegue pensar em parar e observar os ensinamentos dessa grande Mãe?

O trânsito que não anda, a carestia, o chefe que cobra resultado, as contas para pagar no final do mês... Ah! a minha *via crucis*... e a de quantos mais... Os filhos atrasados para a escola, o cachorro que tinha que ir para o banho, os ovos de páscoa para a família que ainda não comprei... Ah! A minha *via crucis*... E assim, da janela do ônibus ou do carro vemos a vida passar, envoltos nos nossos dramas diários, olhando para a natureza sem enxergá-la, olhando os pássaros sem ouvir o seu canto, olhando as flores sem enxergar a exuberância de suas cores e formas... Ah! a nossa *via crucis*...

Que neste período que nos prepara para a Páscoa, possamos vivenciar a nossa *Semana Santa*, encontrando um tempo nessa nossa *via crucis* para nos conectarmos com o que nos cala mais fundo: o nosso encontro conosco mesmo, com a nossa mais íntima *natureza*, que é onde reside o nosso *ser crístico*.

Feliz Páscoa!

SUMÁRIO

- 03** - SUMÁRIO / EXPEDIENTE
- 04** - REFLEXÃO DE ÉPOCA
O êxodo bíblico dos dias de hoje
- 06** - O DESENNOLAR DE UM FIO MÁGICO
Alegre voar borboleta!
- 08** - FOLHA LIVRE
A Pedagogia Curativa / Educação Terapêutica
Um Breve histórico
- 10** - FALANDO COM O DOUTOR
A paixão é uma necessidade do ser humano
- 12** - A VOZ DA COMUNIDADE
- Oito cordas que abriram a porta da felicidade: Bandolim, minha paixão
- Minha paixão é cantar
- 16** - É ASSIM QUE SOMOS
Breve história do grandão
- 18** - ACONTECEU NA FRANCISCO

EXPEDIENTE

Editorial: Tereza Racy

Colaboradores: Denise Seignemartin, Fernando Andrade, Gabriel Lopes Argello Cunha, Gabriela Nakamura, Ian Noppeney, João Camilo, José Carlos Machado, Mônica Ballaminut, Monike Dutra, Paula Mourão, Rosa Crepaldi,, Solania Horti, Tamotsu Kambé, Thiago Borazanian e Vidal Bezerra.

Projeto Gráfico e Diagramação: Felipe Kertes

Capa: Samanta Fachinelli

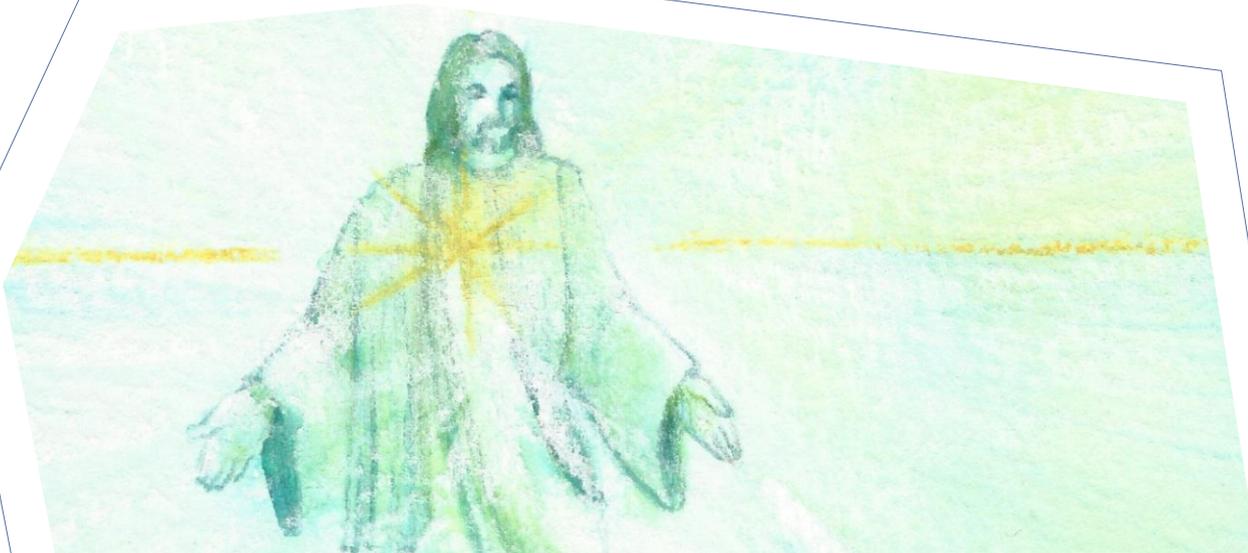
Fotos: Arquivo EWFA

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

Sugestões, comentários e críticas para secretaria@escolafranciscodeassis.com.br

Av. Basiléia, 149 - Lauzane Paulista - São Paulo - SP
CEP 02440-060 / (11) 22310152 - (11) 22317276

www.escolafranciscodeassis.com.br



REFLEXÃO DE ÉPOCA

O êxodo bíblico dos dias de hoje

por Denise Seignemartin | Professora de Eurytmia na EWFA

Chama-se época da Paixão ao tempo que transcorre durante as quatro semanas antes da Ressurreição de Cristo, que culmina na Semana Santa. A Paixão é o padecer, o sofrimento de Cristo que se fez mais intensa na última semana.

A palavra Páscoa vem do grego e do hebraico e tem como significado básico "passar por cima", refere-se ao acontecimento do êxodo dos judeus da escravidão egípcia para a liberdade, relatado no Antigo Testamento. A última praga de Deus contra os egípcios foi mandar o Anjo da Morte para matar todos os primogênitos, porém enviou uma mensagem aos judeus para que marcassem suas portas com sangue de um cordeiro. Esse era o sinal para que o anjo passasse sem molestar as famílias judaicas. Todo relato da escravidão, êxodo e peregrinação no deserto, a entrega da lei no Sinai e o encontro da Terra Prometida de Israel, configurou a festa judaica chamada Pessach.

A última Ceia de Cristo com seus discípulos foi uma ceia do Pessach. Entretanto, o cordeiro pascal adquire um outro sentido. À mesa está sentado Aquele sobre quem João Batista pôde dizer: "Eis o cordeiro de Deus que assume os pecados do mundo".

Após cumprirem a velha tradição da ceia do Pessach, os discípulos se admiram ao verem o Cristo tomar em mãos o pão e o vinho dizendo: "Tomai, pois este é o meu corpo e este é o meu sangue". Pão e vinho se iluminam na semiescuridão. Eles são envolvidos em um brilho dourado ao se transformarem no corpo e no sangue de Cristo, o espiritual reluz na matéria.

Nessa passagem dos sacrifícios sangrentos da época pré-cristã para a transubstanciação do pão e vinho, ocorre a interiorização do sacrifício. Anteriormente atuava a magia do sangue, onde o fluxo do sangue fresco de animais sacrificiais puros possuía a força de induzir as

almas humanas, elevando-as, de modo que as forças divinas podiam atuar nelas.

Todavia, o cordeiro pascal não pode ser um meio mágico, pois Cristo, o mais alto ser divino que desceu à Terra, é o cordeiro de Deus que assume os pecados do mundo. Ele próprio se transforma em puro símbolo do amor divino que se sacrifica propiciando luz na penumbra dos mistérios ocultos. Inicia-se agora uma nova possibilidade de desenvolvimento da alma humana a partir da consciência. O Cristianismo encontra nesta noite sua aurora.

Quatro acontecimentos significativos acontecem nessa noite: lava-pés, cordeiro pascal, pão e vinho e os discursos de despedida. O lava-pés é o último resumo simbólico de todos os ensinamentos que Cristo deu aos seus discípulos. Ele lhes diz: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Nos discursos de despedidas abre-se uma porta luminosa para o futuro da humanidade. 1

Depois da ceia, Jesus se ergue e lhes faz um sinal para segui-lo. Os discípulos se surpreendem, mais uma vez é rompida a proibição do Pessach ao saírem à rua nesta noite. A luz clara da Lua quase se apagara, pois houvera um eclipse. A Lua no céu parecia uma esfera cor de sangue, havia rajadas frias de vento também.

Nesta noite houve duas saídas. A saída de Judas e a saída de Cristo com seus discípulos. Quando Judas sai, a escritura diz: "era noite", realmente ele encontra o Anjo da Morte. Quando sai o Cristo, podemos dizer: "era dia". Um fulgor dourado se mistura à noite tenebrosa. Essa nova luz parece mais uma véspera da Páscoa do que uma véspera da sexta-feira da Paixão.

O Egito de tempos bíblicos ou o Sertão de Guimarães Rosa representam todas as forças que escravizam o homem e o fazem sofrer, porém, toda vez que o ser humano consegue se libertar dessas forças, ele vivencia um novo êxodo.

Podemos nos perguntar nesta época do ano: Como lidar com o meu Egito interior ou o meu Sertão que obstrui e limita o meu desenvolvimento humano?

Podemos compreender a Páscoa como uma força redentora em nossos dias que permite ao ser humano buscar o essencial e fecundo para a libertação do espírito. ■

"Na inversão
das eras
Entrou a luz do
espírito cósmico
No caudal
da vida térrea

Noite profunda
deixara de imperar
Clara luz qual dia
Resplandeceu
na alma humana."

(trecho da 4ª parte da Pedra Fundamental de Rudolf Steiner)

Bibliografia:

- Os acontecimentos da Semana Santa - Emil Bock
- Boletim "Paixão, Páscoa e Ascensão" da Comunidade de Cristãos
- A Hagadá de Pessach - Central Conference of American Rabbis



O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO

Alegre voar borboleta!

por Gabriela Nakamura | Auxiliar pedagógica no Jardim de Infância na EWFA

Dia e noite, primavera e outono, inspiração e expiração, contração e expansão, morte e vida. A Natureza apresenta seus ritmos de tempo e espaço.

Outono chega. As quaresmeiras colorem de roxo as florestas e as ruas da cidade. É tempo de Páscoa. Tempo de recolhimento de si. No escuro se encasular lagarta, e na luz da transformação, renascer em cor e leveza. Conscientemente, borboletar-se.

De ritmos também se constitui a rotina no Jardim de Infância. De manhãzinha, recolhidos na sala, preparar o alimento, fazer o pão. Movimento de contração, de lagarta no casulo. No parque, brincar fora. Livre expansão! Alegre voar borboleta!

São ritmos que pulsam no Jardim, com momentos de contração, onde a criança está voltada mais para dentro de si, quando faz aquarela ou tece um trabalho manual, alternados com momentos de expansão, quando corre solta no parque ou brinca livremente na sala. A criança se insere

no ritmo da natureza quando sente e vive este pulsar, pois os ritmos conduzem as nossas vidas e refletem o movimento que acontece no universo.

As rodas rítmicas com seus gestos, músicas e cantos marcam as épocas do ano e também trazem consigo movimentos de expansão e contração. Assim, as atividades desenvolvidas no Jardim de Infância vibram no mesmo ritmo cardiorrespiratório. Na contração, a inspiração, o pulsar do sangue. Na expansão, o relaxamento dos músculos.

As salas do Jardim possibilitam esta pulsação natural, pois são como uma casa dentro da escola onde a vivência dos gestos da rotina doméstica ora se contraem, ora se expandem. Preparamos o lanche, lavamos a louça, arrumamos a mesa, varremos o chão, costuramos, pintamos ovos para a Páscoa. Ações de contração que por imitação as crianças acompanham este fazer dos adultos, o que requer mais consciência de nós mesmos e também o que queremos que as crianças nos imitem.

Nesta casa, materiais e brinquedos simples, feitos de madeira, lã, pedrinhas e conchas, e o contato com os elementos da natureza, água, areia, fogo permitem que a criança se conecte com a própria essência. Cria-se então um ambiente seguro, saudável onde a criança sente confiança para a sua livre expressão, o brincar. Brincando sozinha, conversa consigo mesma, brincando com o outro, cria-se o mundo da criança, sua própria casa.

A potência do Jardim enquanto casa e a resistência dos gestos ancestrais de cuidado atuam de maneira saudável neste corpo que necessita de ritmo para se desenvolver bem. Na Páscoa, a casa do Jardim se enche de coelhos, ovos, lagartas e borboletas. Os tons de roxo dos tecidos e flores sinalizam o novo a ressurgir. Nos contos, a borboleta azul voa pelos campos... ■

“ Borboleta azul
voa pelos
campos

Campos multicores
cheios de flores

Voa pelos ares no
azul do céu

Brinca com o vento
como um véu “

(Texto baseado no volume “O Jardim de Infância como a casa dentro da escola” de Gabriela Nakamura (Auxiliar pedagógica no Jardim de Infância), que faz parte da coleção Artes-manuais para a educação: aprendizagens e processos de singularização, composta para a conclusão do curso de pós-graduação em Artes-manuais para a educação, com previsão de lançamento para abril)





FOLHA LIVRE

A Pedagogia Curativa / Educação Terapêutica Um Breve Histórico

por Paula Mourão | Gestora da Federação das Instituições e Profissionais de Educação Terapêutica e Terapia Social do Brasil.

A Pedagogia Curativa foi elaborada no início da década de 1920 pelos Drs. Rudolf Steiner e Ita Wegman na Alemanha com base na Pedagogia Waldorf e na Medicina Antroposófica. Expandiu-se logo pelo norte da Europa e hoje está presente em todos os continentes, somando cerca de 54 países com mais de 700 centros de atendimento – cada qual dentro de suas leis, realidade, formato e condições.

Essa rápida expansão está ligada a mudanças significativas de consciência da humanidade no início do séc. XX, ou seja, por um lado a mudança de uma ética exercida coletivamente para uma ética exercida de forma individual, em que cada ser humano se torna responsável por seu destino. Por outro lado, abre-se a consciência social, de que a doença e os distúrbios, numa leitura esotérica profunda, desenvolvem-se no convívio social, assim como o crescimento da nossa consciência e a capacidade de amar.

Nesta época da humanidade, surge a pergunta: “Sou eu responsável por meu irmão?” A fraternidade só se faz possível a partir deste reconhecimento e desta livre decisão. E neste contexto nasce a Pedagogia Curativa.

Dr. Rudolf Steiner e Dra. Ita Wegman também partem do princípio de que todo ser humano possui uma tarefa de desenvolvimento e que de alguma forma deve ser inserido e desempenhar um papel no social.

Começam então na Europa, as primeiras grandes iniciativas que cuidam e tratam de seres humanos com distúrbios psíquicos, “mentais” e diversas deficiências em “Escolas-dia” assim como se formam pequenas “Comunidades Terapêuticas”.

Junta-se a este trabalho o médico antroposófico Dr. Karl König, que em 1925 funda o Movimento Camphill, que forma, a partir daí várias Comunidades Terapêuticas na Europa.

No Brasil, a Pedagogia Curativa começa em torno de 1960, por meio do trabalho de Gunda Bay, pedagoga curativa, que por anos conduziu uma grande instituição em Campos do Jordão – SP, Angaiá. Em 1986, foi fundada a Casa do Sol por Lucinda Dias e, em 1991, a Associação Beneficente Parsifal por Karin Evelyn Scheven, ambas em São Paulo. As duas profissionais foram as principais divulgadoras desta nova forma de trabalho. Outras instituições começam a surgir, também em outras cidades e em 1992 inicia-se o 1º Seminário para formar Educadores Terapeutas (também conhecidos como Pedagogos Curativos) e Terapeutas Sociais no próprio Brasil, com apoio de vários professores vindos da Europa e alguns do Brasil.

Com os primeiros profissionais aqui formados, o Movimento aos poucos se expande.

Hoje, são 08 seminários e as instituições existentes no Brasil (10) – em quase sua totalidade “clínicas dia” – oferecem apoio, tratamento individual, educação, trabalho e convívio social para pessoas com necessidades de cuidados especiais, como também se empenham em criar estruturas sociais mais humanizadas; exemplos para uma mudança positiva da consciência social e para um futuro social mais digno! Hoje já temos também profissionais independentes assessorando a Inclusão Escolar.

A Educação Terapêutica (Pedagogia Curativa) acredita que só a partir do encontro humano podemos engendrar processos de cura, onde os valores humanos essenciais podem ser vivenciados e cultivados partindo de “Comunidades Terapêuticas” – independente da forma e lugar – que atuam como células germinativas de ideais sociais fraternos e onde cada ser humano possa vislumbrar, se não alcançar, seu próprio “vir a ser”.

"Só a ajuda do
homem ao homem,
o encontro do Eu com Eu,
o perceber da outra individualidade
sem ver a confissão,

a ideologia ou a ligação política do
próximo, simplesmente o mirar de olho a olho,
cria esta pedagogia curativa
que confronta curando o mais
íntimo do ser do homem."

Karl Kónig

Sobre a Nomenclatura: Pedagogia Curativa ou Educação Terapêutica?

Termo criado por Rudolf Steiner, idealizador da Antroposofia, e utilizado até hoje em vários países, a palavra “Heilpädagogik” foi traduzida pela primeira vez para o português, na década de 1970 como “Pedagogia Terapêutica”, por uma médica. Algum tempo depois, surgiu a tradução literal do alemão “Pedagogia Curativa”, que permaneceu e é comumente utilizada até hoje para se designar o trabalho desenvolvido com pessoas com deficiência, em geral, sob orientação antroposófica.

Entenda-se: especificamente, Rudolf Steiner referia-se a Pedagogia Curativa ao trabalho realizado com crianças em fase infantil/escolar e Terapia Social para jovens e adultos, uma vez que cada ser humano depois da maioridade deve promover/cultivar/buscar seu próprio autodesenvolvimento, mesmo que necessite de apoio e acompanhamento terapêutico e social.

Porém, as palavras, tanto “Pedagogia” como “Curativa”, permitem um questionamento quanto à sua validade semântica do nome em Português.

Durante as Conferências Mundiais anuais de Pedagogia Curativa e Terapia Social na Europa esta discussão faz parte da pauta há alguns anos, visto que em alguns países também há a mesma necessidade de adequação e alguns acabaram adotando novas terminologias, como por exemplo a Suíça: Pedagogia Social ou a Argentina: Educação Especial. ■



A ressurreição de Cristo | Matthias Grunewald

FALANDO COM O DOUTOR

A paixão é uma necessidade do ser humano

por Dr. José Carlos Machado | Médico Escolar

Nosso cotidiano, nossos problemas diários e nosso trabalho nos envolvem de tal forma que, às vezes, parece que apenas reagimos às coisas a nossa volta e já não nos envolvemos mais como antes. Economizamos a alegria de viver para amanhã.

E, desse modo, vamos levando a vida, nos desapegando dos amigos que nos esquecemos de visitar; de nosso (a) companheiro (a) que não fazemos questão de agradecer, até dos nossos filhos que perdemos a chance de acompanhar e, guardando um pouquinho da felicidade para um dia que ainda vai chegar, deixamos de viver o agora.

A palavra **paixão** vem do latim **passio/passiones** e significa sofrimento, padecimento. Um apaixonado é aquele que suporta, aguenta o desprezo, a humilhação e o descaso do ser amado. Dizem que a paixão cega e o ser apaixonado se conforma em esperar, a felicidade talvez demore, mas acontecerá. A paixão seduz, envolve e nos aprisiona. Nos contos, na literatura e no ideário romântico os apaixonados passam por

várias provas de amor para finalmente ficarem juntos. Mas a paixão, necessariamente, precisa acabar um dia, por uma questão de equilíbrio, por uma possibilidade de algo menos sofrido, por um renascimento, a paixão precisa morrer.

Estamos nos aproximando da Semana Santa e a Sexta-feira da Paixão nos remete ao sofrimento de Cristo que antes de ser preso e encaminhado à crucificação, disse aos seus discípulos; **“se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, produzirá muitos frutos** – João (12; 24)”, ou seja, a paixão, o padecimento, o sofrimento acontecem e devem dar lugar ao amor para que exista a continuidade. Se existe a paixão que é fugaz, existe também o amor que é perene e na tradição católica cristã a ressurreição é a possibilidade dessa transformação.

Quando pensamos na família e na paixão que temos por nossos filhos é preciso também avaliar que esse **apaixonamento** nos cega, nos paralisa e nos induz a alguns equívocos, por-

que esse sentimento que ludibria nossa razão também nos desvia de um distanciamento necessário e menos ardoroso, o que não significa frieza, mas que permita um renascimento necessário para que essa relação se fortifique e se equilibre. Os pais amam seus filhos e geralmente são correspondidos. Mas a incondicionalidade não parece acontecer em via dupla. Isto é, nossos filhos são menos apaixonados por nós do que o contrário e cabe aos adultos sofrerem menos por essa paixão não correspondida transformando esse sentimento em amor. É lógico que os pais amam seus filhos e esse amor transformado suporta a rejeição dos filhos que talvez não queiram nenhum tipo de restrição. A paixão renascida atua agora com a força necessária para conduzir a criança na direção amorosa que ela precisa seguir. Em outras palavras, não se tornam reféns de uma paixão cega que aceita tudo. A relação parental também precisa se transformar algo precisa morrer para renascer, algo mais forte ainda.

No desenvolvimento infantil, a criança passa por fases. É importante que os pais fiquem emocionalmente distanciados para ao menos terem o discernimento necessário para interferir quando necessário, não se deixando seduzir pelas contrariedades que certamente surgirão. Sem o discernimento necessário estarão tão apaixonadamente vinculados que terão uma percepção, sem isenção, o que poderá gerar muitos problemas para a criança que precisa de uma condução segura e amorosa.

Flagramo-nos muitas vezes completamente apaixonados observando alguns comportamentos infantis. Ficamos apaixonados com as caras, bocas e trejeitos dos pequenos que percebem essa força que exercem e que a utilizam com maestria na manipulação dos seus desejos. Isso não significa que tenhamos de ser ressecados a essas situações, mas convém redimensionar essa cegueira e agir quando essa artimanha tomar um caminho inadequado. Por exemplo, os avós que tem seus olhos apaixonados voltados aos netos que passam a abusar deles justamente porque não recebem negativas, pois os apaixonados somente dizem sim. O amor que se transforma pode dizer e também suportar um não.

A paixão é uma necessidade do ser humano, precisamos dela para nossas realizações diárias, no trabalho, afazeres, relações, mas talvez o segredo seja estar continuamente se reapassionando e desse modo se encantando e transformando esse sentimento em algo mais forte e permanente que é o amor. ■



**“A vida não pode
ser economizada
para o amanhã,
acontece sempre
no presente.”**

RUBEM ALVES



A VOZ DA COMUNIDADE

Oito cordas que abriram a porta da felicidade: Bandolím, minha paixão

por Tamotsu Kambé | Pai do Ângelo Yu Kambe, 9º Ano e Gabriel Guin Kambe, 11º Ano

Qualquer um de nós já teve, em sua juventude, amigo guitarrista que tocava a introdução da “Stairway to Heaven” e era só isso. Eu era um desses caras, mais ou menos. Aprendi, quando estudante no Rio, a dedilhar o samba “O Bêbado e o Equilibrista” e “O Que É o Que É”, mas cantar em português era um negócio muito complicado. Tempos depois fui morar na Bahia, a terra da fogueira e violão na praia, e lá eu era conhecido entre os amigos como “o japa que não sabe cantar até o final”.

O tempo passou e três anos atrás, não me lembro o que me empurrou, resolvi aprender o outro instrumento, o bandolim. Digitei no Google “Aula de bandolim, zona norte, São Paulo”. Liguei ao primeiro número de telefone que apareceu. Foi assim. Conheci o Paulo Novais, meu mestre, e começou a primeira aula de música na minha vida e minha paixão pelo bandolim.

Alguns pensamentos me motivaram a escolher o instrumento:

1. Que fosse de cordas (porque sempre toquei violão);
2. Instrumento pequeno que pudesse levar para viagens (viajava muito na época e violão era grande demais);
3. Instrumento de melodia, solista (decorar e não esquecer as cifras era quase impossível). Música brasileira é maravilhosa, mas tem muita cifra; e
4. Ser típico da música brasileira, tipo samba e choro.

BINGO!!! Foi uma das decisões mais acertadas e felizes (minha esposa tem até ciúme dele). Quando vou viajar posso esquecer escova de dente, mas não esqueço meu bandolim. Resolvi tocar em qualquer lugar: dentro do ônibus, no trân-

sito no carro, no aeroporto, no hotel, no bar, pois não quero perder tempo para exercitar e explorar o instrumento e a música.

A aula do Paulo foi um presente também, com muitos ensinamentos de alta qualidade. Um músico e professor estudado, que me ensinou a prática e teoria. Eu nunca tinha estudado, até então, a teoria musical. Paulo me introduziu à riqueza do universo da música de tal forma que minha curiosidade e vontade de aprender se tornou infinita.

O bandolim me presenteou com outra coisa maravilhosa, os novos ciclos de amizade. Comecei a frequentar as rodas para tocar com os chorões maravilhosos. A beleza da roda é essa democracia e abertura. Os músicos experientes dão vez numa boa a um cara como eu, principiante. Pratico com outros alunos do Paulo. Promovemos, com minha mulher, a festa da Feijoada e Choro anualmente em casa e a enchemos de pessoas queridas. Passei a fazer parte do Coral e da Orquestra da Francisco de Assis. Pessoas apaixonadas são felizes. Pois é, apesar de tudo de repugnante e indignante que se passa o tempo todo hoje em dia, o choro, o samba, Pixinguinha e Jacob do Bandolim me lembram que o Brasil é bom, me motivam a descobrir e reconhecer as coisas boas deste País e da vida. ■





A VOZ DA COMUNIDADE

Minha paixão é cantar

por João Camilo | Pai de João Ricardo do 7º Ano e
Gabriela Boaventura que formou-se no ano passado

Assim precisar o quando não consigo, compadre. Mas a primeira vez que me impressionei com música foi já no primeiro leite, no colo de minha mãe, ouvindo e bebendo o som da viola de meu pai.

Ecoavam em nossa casa os ponteios e as modas que meu pai compunha em parceria com o tio Pedro, formando a dupla Pedrinho & Pederneiras. Ficávamos de ouvido colado no rádio, nos programas "Brasil Caboclo", "Na Serra da Mantiqueira", "Na Beira da Tuia", das rádios Bandeirantes, Record e Tupi, para ouvir as vozes da nossa dupla familiar e querida.

Em dias festivos, eu ia com meu pai ao auditório das rádios e vê-lo se apresentar ao vivo, junto com tantas outras duplas caipiras.

Meu pai se foi muito cedo. Ficou a viola...ficaram os sons...as vozes na lembrança. Hoje toco violão e canto, nunca deixei de cantar. Ao longo do meu trabalho de professor de Português, por 45 anos, sempre que pude, incluí essa paixão musical nas atividades com os alunos.

Na Waldorf, foi para mim uma revelação perceber o quanto aqui se canta, e as oportunidades que tive para duetar com amigos de viola e violão, nas festas e encontros. Inúmeros parceiros de cantorias, nesses doze anos: Vidal, Maurício, Paulo, Kambe, professor Eduardo, professor Sidney e o Thiago, parceiro do 7º Ano, do João Ricardo e do Vicente, ainda com muita cantoria pela frente.

Outra revelação foi perceber o quanto os professores de música aqui lapidam com carinho e paixão a música coral e instrumental. Isso levou-me ao Coral de Pais, e, no solfejo, o Luciano ficou em dúvida: É barítono? É tenor? É baixo? Nada não, Maestro, é apenas o caipira e seu canto duetado ao luar do sertão, se vingando da saudade, tocando viola de papo pro ar.

Maior revelação ainda é quando as paixões se juntam, cada um trazendo seu cantar, sua pérola cuidada e lapidada, unidas num colar precioso de vozes, ecoando o canto coral para deleite dos ouvidos e dos corações.

Venha nos ouvir, traga sua paixão pelo canto. Apaixone-se também. ■



Pedrinho & Pederneiras



É ASSIM QUE SOMOS...

Breve história do grandão

por Ian Noppeney | Ex-aluno da EWFA

Muito bem!

Por onde começar?

Vamos lá...

Era uma vez (porque vi esse começo em alguns livros e funciona) um garoto grandão que estudou numa escola alemã. Essa escola - mágica - fornecia diversas aulas de artes. E assim foi por 7 anos, estudando, não com colegas, mas amigos da vida, não com uma professora, mas uma segunda mãe. Era tão cotidiana a arte para ele, que não sentia falta! Não há como ter saudade de algo que acontece todo dia, ou há?

Quando o grandão já estava “mais grande”, ele foi estudar numa escola tradicional de Freiras.

“FUVEST. UNICAMP. UNESP. FUVEST. FUVEST. FUVEST. FUVEST.” E ele só con-

seguiu pensar: “Onde raios esse povo colocou o Teatro, as Artes, as Artes Aplicadas e a Música? Será que eles não têm vergonha de encaixotar a aula de trabalhos manuais e de Eurytmia?”

Pois é! Descobriu a saudade!

Dentre todas as coisas que fizeram falta ao grandão, a que mais lhe fez falta foi o Teatro. Aos poucos ele foi se dando conta e indo atrás.

Enquanto fazia o Ensino Médio, estudava Teatro por fora. Em seus trabalhos de História, Literatura, Sociologia, Filosofia e etc. ele sempre dava um jeito de incluir o Teatro.

Formou-se com as Freiras, mas pensando em Dionísio.

Tornou-se aluno do Teatro Escola Célia Helena. Ainda no curso de Artes Cênicas ele ingressou no Grupo Teatro Cego,

como ator no espetáculo “Acorda Amor”, do qual faz parte até hoje. E foi errando em um grupo aqui e outro ali, enquanto ainda era estudante.

Quando se formou, conheceu o diretor Ednaldo Freire, que o convidou para fazer a peça “Mais quero um asno que me carregue, que cavalo que me derrube”, uma comédia baseada na Farsa de Inês Pereira, pela Cia. Teatral Quintal do Aventino. Depois de uma temporada bem cheia e comentada do “Asno”, o diretor o convidou para sua Companhia (essa era mais velha que o próprio grandão). Ele entrou como integrante da Fraternal Cia. de Artes e Malas-Artes, uma Companhia que está completando 25 anos. Atuou nos espetáculos “A Gira da Rainha” e “Nosotros - Uma Revoada Latino-Americana”.

AHN! Nesse meio tempo começou a dar aulas de Teatro no Colégio Augusto Ruschi. E já iniciou seu terceiro ano como professor.

Essa é a breve história do grandão, desde quando era um grandão pequeno, até virar um grandão grande.

Há algumas pessoas que têm grande importância nessa trajetória e, mesmo que você, meu caro leitor, não entenda, se faz necessário colocar o nome dessas pessoas por lembrança/homenagem/carinho/educação.

Agradeço à minha tia Edméa Garcia Neiva, à Bianca Martini, à Eunice Aparecida Soares, à família Arruda Bortolin, à família Rocha Righi e por último, mas não menos importantes, aos meus pais, Edson e Anahi. ■



ACONTECEU NA FRANCISCO

por Fernando Andrade e Thiago Borazanian



Oficina de Pães | 3º Ano



Apresentação de violino da sala da professora Lívia



Passeio de classe | 4º Ano | Turma da Yolanda.

8º Ano | Teatro | Sonho de uma Noite de Verão



Professores e funcionários | Teatro de Natal



INSTÂNCIAS DIRETORIA EXECUTIVA

por *Mônica Ballaminut*
(Gestora Administrativa)

O ano de 2017 foi de muitos desafios e muitas novidades na Escola. Os desafios ainda são grandes em 2018, mas neste ano contamos com um apoio a mais: uma Gestora Administrativa. Para dar mais passos no caminho de desenvolvimento da Francisco de Assis, a administração priorizou a contratação de uma profissional com a missão de coordenar as áreas administrativa, financeira e de pessoal da EWFA, além de cooperar com o trabalho de outras Instâncias e Comissões de Trabalho, visando a maior eficiência para o alcance dos objetivos e metas da Escola.

Mas essa iniciativa não reduz de forma alguma a importância do trabalho dos Pais nas instâncias e comissões. Ao contrário, deve possibilitar que mais pessoas se envolvam contribuindo de acordo com suas possibilidades de comprometimento. Somos, por princípio, uma comunidade escolar em que todos são chamados a ajudar e nossa atuação pode ser nas várias atividades que envolvem a escola tais como: divulgação; indicação de novos alunos, no apoio ao professor como Representante de Classe, como Associado (participando de nossas Assembleias), como membro de Comissões de Trabalho, ou mesmo com simples gestos como o de dar uma carona para auxiliar um aluno na vinda ou retorno da escola.

Várias frentes terão nosso foco nesse ano: divulgação, sede própria, captação de recursos, capacitação e desenvolvimento de professores e funcionários, além, é claro, da melhoria da organização administrativa/financeira. O trabalho da gestão deve alinhar todas as ações para o nosso objetivo comum que é ter a melhor educação para nossas crianças.

Agradecemos o apoio e a confiança de todos!

Diretoria Executiva AHFA

Carla Dal Maso Nunes Roxo | *Presidente*

Soraya Graczyk de Araújo Aguiar | *Vice-Presidente*

Bernadete Megumi Tamakoshi Kambe | *Tesoureira*

Alessandro Galindo Martinez | *Vice-Tesoureiro*

A VIDA EM VERSO

Eu e Eu mesmo

por Prof. Solanía Hortí, de Sociología e História da EWFA

Quando eu me olho no
espelho vejo "meu" rosto?
Quando Eu me olho no
espelho vejo "meu" rosto?
Ou mEu rosto?

Sou Eu? Ou estou eu?
O que é passageiro?
E o que fica?
Uma estrela?
Um cometa ?
Alguém viu?
Não está mais lá?
Passou!

Para onde foi?
Andou? Se moldou?
Ou simplesmente se mudou?
Cansou?
Estressou e deixou?
Transformou.

Ao olhar no espelho.
Meus olhos ficam turvos
Minha mente iluminada
e aos poucos
vai surgindo outro eu,
o Eu mesmo.

Agora quando olho ao espelho,
vejo Eu e eu mesmo.
eu que faço parte
deste espaço-tempo.
Eu que faço parte de todos
espaços-tempos.

Isso existe?
Espaços-tempos?

Meu Eu mesmo, diz que sim.
Quando me recolho em mim.
Conheço todas as eras.
E todos os éons.

Sou Uno.
Sou pleno.

Sou simples, não por acaso,
Revelo em mim toda santidade,
O mais alto grau de felicidade.
Aquele que só se atinge ao
fazer os outros felizes.

Quando estou eu,
estou na ilusão,
desperto numa prisão.
Há limites claros no pensamento.
Há a dor e a confusão.

Nesse momento me busco
na solidão.
No silêncio da imensidão.
O pequeno eu escorre pelas mãos.
Tudo se esvai:
"a certeza"
"a busca"
"a paixão"

E suavemente surge o Eu,
E nele tenho a certeza da missão.

Agora ao olhar no espelho,
vejo eu e Eu mesmo,
que eu possa me desapegar,
do eu e me integrar ao Eu mesmo.

AGENDA

ABRIL

- 01 | Páscoa
- 02 | Pascoela - Recesso
- 07 | Sábado Esportivo
- 14 | Passeio Esportivo - Ed. infantil
- 21 | Tíradentes
- 30 | Recesso

MAIO

- 01 | Dia do Trabalho
- 12 | Festa Semestral
- 26 | Passeio Pedagógico - Ens.Fund.
- 31 | Corpus Christi

JUNHO

- 01 | Recesso
- 06 | Festa da Lanterna
- 30 | Festa Junina

